

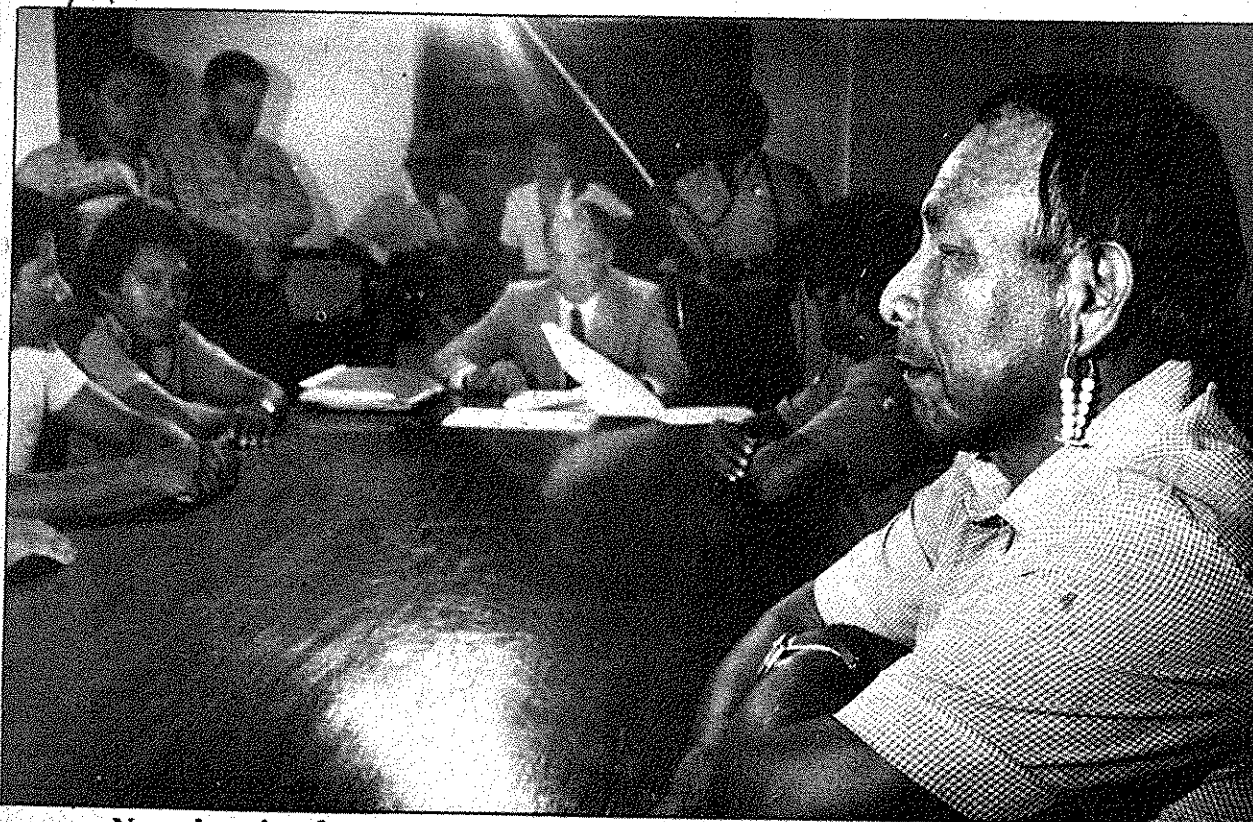
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: 03

Data: 29.11.84 Pg.: _____

17 garimpeiros reféns dos Kaiapó



Na cabeceira da mesa, o presidente da Funai, Nelson Marabuto, durante a reunião com os caciques

Ao encontrarem garimpeiros dentro da reserva Kaiapó, os índios Krokaimoro atacaram e fizeram 17 reféns. Eles permanecem em poder dos índios enquanto que, em Belém, prossegue a discussão entre os representantes de várias tribos Kaiapó, madeireiros e a Funai, discussão que contou, ontem, com a participação do presidente da Funai, Nelson Marabuto.

Na entrevista que concedeu ao término da reunião com os cinco caciques que se encontram em Belém, Marabuto disse que vai reunir a documentação da reserva, para encaminhá-la a outros Ministérios, e, depois, iniciar a demarcação. Ele garante que há dinheiro e que, na segunda-feira, começam os primeiros passos para a demarcação.

Marabuto anunciou, ainda, para dentro de um mês o novo regimento da Funai, que prevê uma reformulação administrativa completa no órgão. Imediatamente, será criado um conselho que envolve diretamente os índios com os delegados e chefes de postos da Funai, que, obrigatoriamente, se reunirão uma vez por mês, nas sedes das delegacias.

Quanto ao problema dos Kaiapó — que deram prazo curto à Funai para iniciar a demarcação de suas terras e retirar invasores — ele não prometeu nada, na reunião. (Pág. 8)

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 04

Data: 29.11.84

Pg.: _____

Índios fazem reféns 17 garimpeiros



Marabuto acusou, na reunião, o ex-presidente Jurandy Fonseca.



E elogiou os Kayapó, que só pedem suas terras de volta.

Marabuto ouve os Kayapó e não faz promessas

Numa visita a Belém, que considerou como "desarmamento de espíritos", o presidente da Funai, Nelson Marabuto, após manter um contato de algumas horas com líderes Kayapó, prometeu empenhar-se ao máximo para materializar a aspiração dos índios de demarcação da reserva, à qual serão acrescidas novas áreas, num total de 488.900 hectares.

Marabuto chegou à sede da 2ª Delegacia Regional da Funai às 15:45 horas, acompanhando pelo delegado regional, Salomão Santos, e de assessores. Inicialmente a imprensa foi mantida fora da sala de reuniões. Logo depois, entretanto, os jornalistas foram chamados a presenciar o encontro.

Os caciques da comunidade J Kayapó falaram um a um, sendo unânimes em mostrar a urgência da demarcação, pois assim estarão resolvidos tanto os problemas atuais como os que poderão surgir futuramente com uma maior entrada de empresas na área, o que certamente gerará conflitos mais violentos.

Com um gravador bem ao estilo do hoje deputado federal Mário Juru-na, de quem os Kayapó não esperam (e nem pedirão) ajuda, os líderes indígenas também falaram, em sua maioria, que a não delimitação acarretará o desaparecimento da caça, da pesca, com a poluição dos rios; e de suas mais importantes tradições, pois uma das áreas que eles estão requerendo (isso há 20 anos) é o Pukatoti, que chamam de "território sagrado".

"Estamos muito tristes — disse

o líder Paiku em sua língua — e o senhor nem sabe porque. E porque o branco entra na nossa terra, tira a madeira, tira o minério e nós ficamos sem nada". Mais contundente seria o cacique Paiká, falando em Português, como representante de todos os líderes.

"Durante muitos anos nós fomos enganados e quem está atrapalhando o índio é a Funai. Muda governo, muda o presidente da Funai. O branco quer a terra do índio e a Funai nada faz porque o Governo atrapalha a Funai. E não é só o Kaiapó. Outros índios estão sendo enganados e a Funai não tem condições de ajudar esses grupos. O branco põe a culpa no índio, mas o índio nunca errou. Quem começa o erro é o branco, o fazendeiro, o madeireiro, o garimpeiro. O índio não vai atacar uma fazenda se ela está fora de sua terra e se seu dono não prejudica o índio", observou.

Após dizer que desde o começo a terra do índio foi invadida e continua a se-la até hoje, lembrou Paiká que todos ali estavam esperando uma resposta correta, garantida, para levar às suas respectivas comunidades. E mais ainda, no caso dos Gorotire, a Funai, mandou para a área agentes da Polícia Federal para ficar ao lado dos índios e não para ver o problema com os fazendeiros. "Se a Funai vai só para evitar um conflito ou impedir que ele continue, mais tarde esse conflito recomeça e é pior", arrematou.

Segundo Paiká, os Kayapó vivem como seus antepassados e por isso querem viver separados. "Mas o governo continua a vender a terra

do índio. Eu vi um mapa falso de um fazendeiro e queimei. O governo nunca respeita o índio. Aqui na área Kayapó não tem nenhum índio pedindo nada para a Funai e nem roubando nada do branco, e isso o delegado pode confirmar (e ele confirmou dizendo que eles pedem apenas orientações e que mesmo que pedissem outras coisas não lhe seria possível atender pela precariedade de recursos que dispõe).

Acrescentou que os Gorotire e os Kikretun estão com seus rios poluídos, onde estão morrendo muitos peixes e a navegação fica cada vez mais difícil. Na cidade, explicou, é muito diferente e o índio não se acostuma com os costumes do branco, porque se eles não tem dinheiro, não tem problema, porque a natureza lhe dá a caça, a pesca, as frutas, tudo de graça.

Depois foi a vez do coronel Pombo-Tutu Kayapó dizer a Nelson Marabuto que se demorar a demarcação, todo o invasor será flechado, "porque não podemos mais ficar pacientes". Ressaltou o fato de pela primeira vez um presidente da Funai reunir-se com lideranças indígenas nesta capital, pois antes esses encontros só eram realizados em Brasília.

Por outro lado, destacou a coragem dos Kayapó "acostumados a matar onça, que não tem medo nem de cobra", e que "toda vez que entra presidente na Funai, entra mentindo, dizendo que vai demarcar a terra, mas isso não acontece nunca, e ficam com o dinheiro que o Governo dá para a Funai".

Marabuto responde

Quando chegou sua vez de responder aos índios, Nelson Marabuto disse que estava sensibilizado, porque era importante para um presidente da Funai "ouvir uma reivindicação pura e legítima como é o pleito pela terra, e críticas justas à Funai e ao Governo também. A ênfase pode ter sido dada muitas vezes pelo próprio presidente da Funai, contrariando até uma orientação do governo. Mas o que é digno de nota é que todos vocês foram unânimes no pleito sobre a terra para a sobrevivência de uma etnia, de um povo, de uma comunidade. Ninguém aqui pediu coisas materiais como tratores, implementos agrícolas".

Mais adiante, disse: "Não quero ser um presidente da Funai mentiroso, ladrão. Quero ser amigo de vocês, mesmo longe da Funai e trazer o meu filho para conhecer vocês para que ele tenha orgulho de ter um pai que não mentiu".

"Aqueles que estavam presentes — e você estava lá — no dia em que houve o verdadeiro libelo, sobre a não assinatura da portaria de mineração, aquilo era só uma cena para sensibilizar você, Paulinho. Pa-yaká. Coisa muito mais séria estava atrás daquilo. Nós da Funai já tínhamos repellido o Jurandy Marcos da Fonseca. Ele não podia mais continuar presidente da Funai. E todos nós que hoje trabalhamos na Funai o tiramos porque ele não tinha idoneidade moral, honestidade para defender a causa do índio neste país", afirmou Marabuto, que acrescentou ainda:

"Enquanto ele dizia que não as-

Os índios Krokaimoro, da reserva Kayapó, prenderam 17 garimpeiros que invadiram suas terras e só os libertarão com a presença dos caciques Kadjat Nthoro e Braire, que hoje, cedo devem estar se deslocando para a área, localizada no Sul do Pará.

A informação chegou ao conhecimento dos jornalistas que cobriam o encontro de líderes Kayapó com o presidente da Funai, Nelson Marabuto, em Belém, na sede da 2ª Delegacia Regional do órgão, quando uma secretária entrou na sala e mostrou um bilhete ao delegado regional Salomão Santos.

As informações que chegaram posteriormente eram con-

traditórias. Uma davam conta de 13 reféns, outra de 17, até que por volta das 18 horas, soube-se que este último número era o correto, segundo o delegado Salomão Santos, que garantiu que os garimpeiros já estavam libertados pelos índios.

No entanto, mais tarde o repórter da TV— Liberal Tito Barata ligou para a Funai e soube que os índios ainda estavam negociando a liberação e que a comunidade só mandaria os garimpeiros embora com a presença de seus caciques, por sinal presentes à reunião com Marabuto. Hoje espera-se que maiores detalhes sejam fornecidos à imprensa.

sinava a portaria de mineração ele estava assinando contratos de prorrogação de terra na área bodoquena dos Kadiweu, e todos souberam disso no país. Enquanto ele dizia que não assinava a portaria de mineração, estava autorizando o desmatamento na área dos Cinta-Larga, e todos foram lesados por uma coisa que de certa forma parecia sincera".

Ademais, contou que o que corria de notícia pelo país era que ele estava entrando na Funai para assinar a dita portaria, mas "isso não passou de um engodo, porque eu não assino portaria de mineração, ninguém me pediu para assinar portaria de mineração. Foi uma mentira do presidente que saía. O ministro Mário Andreazza nunca colocou portaria para o presidente que saía assinar. Ele estava caindo da Funai porque nós já estávamos levantando o que ele fazia em termos de enganar o índio, de levar a causa indígena e cada um dos senhores, o patrimônio de vocês. Sou presidente da Funai porque sertanistas da melhor estirpe me indicaram, pela seriedade com que eu imprimia meu trabalho, em uma assessoria do ex-presidente. Então eu queria tranquilizá-los em relação ao problema da mineração. Nós só vamos fazer o que interessa ao índio, e nunca faremos nada sem consultar o índio, pois é ele que resolve o destino dele, como nestes momentos, aqui estamos para procurar os melhores caminhos e somos responsáveis por isso".

Novo regimento

Há dois meses no cargo Marabuto contou que ontem o ministro Mário Andreazza ficou de assinar o

novo Regimento da Funai, que será uma maneira de melhor assistir o índio. Esse documento prevê o funcionamento de conselhos nacional e regional, onde terão assentos delegados, chefes de postos e os indígenas.

Especificamente sobre o problema dos Kayapó, observou que ele se arrasta já doze anos "porque veio aqui documentos de 1972 e talvez não tenha sido solucionado por corrupção do ex-presidente da Funai". Até 1983 era fácil porque a demarcação era necessário apenas uma portaria do presidente da Funai. Mas agora, com a criação do chamado "grupo" interministerial, tudo ficou mais complicado, tanto que o único compromisso que ele assumia era o de convencer esse grupo de que a reivindicação dos índios é justa.

Explicou, também, que problemas como de saúde e educação indígenas estão sendo resolvidos (sobre este último tema haverá um seminário a partir do próximo dia 4) e poderão significar uma mudança das áreas indígenas de missões, mas quais não poderão ser retiradas das áreas indígenas até que a Funai ofereça um trabalho pelo menos igual ao que elas desenvolvem.

Aqui entraria também o Summer Institute, cujo convênio com a Funai, após recente denúncia deverá sofrer grandes modificações, como propõem pesquisadores de todo o país. Finalmente, para a demarcação das terras indígenas, Marabuto disse que poderão ser alocados recursos oriundos do Finsocial, do Banco Mundial e do Projeto Carajás, que possuem rubricas nesse sentido. Marabuto viaja hoje, às 6 horas para a Paraiba e ficou de voltar a esta capital no próximo dia 17.